

PSICOLOGIA AMBIENTAL PERSPECTIVAS-PROBLEMAS - PRAXIS

Terezinha Maria Vargas Flores*

RESUMO

O presente artigo foi escrito quando a autora estagiava junto ao Instituto de Psicologia da Universidade de Tübingen, República Federal da Alemanha. Sendo, na ocasião (1978-79), aluna do DR. GERHARD KAMINSKI, coube-lhe resumir a obra deste professor intitulada "Umwelt Psychologie - Perspektiven-Probleme-Praxis".

Por ser um tema atual, o da Psicologia Ambiental, julga-se relevante trazer agora o referido artigo ao nosso meio.

Além disso, há uma tendência da pesquisa e da prática educacional, no sentido mais amplo, a sair dos ambientes fechados, das salas de aula, dos laboratórios para o ambiente natural, as favelas, os núcleos culturais característicos.

Por estas razões, o presente, trabalho vem abrir um debate não apenas teórico, mas também metodológico e eminentemente prático.

INTRODUÇÃO

Em 1973, ocorreu em Salzburg, Áustria, o XXIX Congresso da Sociedade Alemã de Psicologia. Nesta ocasião, Gerhard Kaminski responsabilizou-se pelo tema "Umweltpsychologie" (Psicologia Ambiental), uma absoluta novidade na tradição destes congressos. A partir de então, iniciou-se na República Federal da Alemanha o estudo oficial desta disciplina.

Em 1975, Kaminski e Heyden apresentaram um Colóquio sobre "Os Aspectos Psicológicos da Pesquisa do Ambiente", no Instituto de Psicologia da Universidade de Tübingen. Destas e de outras experiências surgiu a obra "Psicologia Ambiental", de Kaminski et alii (1976), da qual serão examinadas, a seguir, algumas considerações.

* Professora do DEBAS, Faculdade de Educação da UFRGS.

As divergências na resposta a esta pergunta começam pela terminologia. Ao lado da Psicologia Ambiental, encontram-se termos como: Psicologia Ecológica, Eco-Psicologia, Ciências Eco-comportamentais etc. A polêmica em torno desses termos deve-se ao fato de que a palavra “ambiente” representa um conceito bem diferente em várias línguas modernas (“environ”, francês; “environment”, inglês; “Umwelt”, alemão); pode-se dizer que ela expressa as condições ou influências sob as quais a pessoa vive ou se desenvolve.

Kaminski et alii (1976) escrevem: “A palavra “Umwelt” refere-se, hoje, primordialmente, a um complexo de problemas psicológicos “não primários”, aos quais ultimamente as pessoas vêm dando grande importância e cujo conhecimento nunca mais desaparecerá de seus horizontes existenciais” (p. 11). Os mesmos autores examinam então os trabalhos de Crair (1970, 1973); Heinstra & Mc. Farling (1974); Ittelson Proshansky e Rivlin, (1974); Kruse (1974); Móos & Insel (1974); Proshansky Ittelson e Rivlin (1970) e Wohlwill (1970); constatando que todos eles apresentam características comuns com referência ao tema:

- a) a saída dos laboratórios experimentais para trabalhos práticos em situações “naturais”;
- b) a falta de concepções teóricas em suas publicações;
- c) igual falta de metodologia adequada aos problemas examinados;
- d) estreita ligação entre “atividade” e “praxis” (do grego - prática);
- e) cooperação com disciplinas afins (interdisciplinariedade);
- f) a análise sistemática dos problemas ambientais e as estratégias de solução;
- g) problemas normativos dependentes das especializações dentro da Ciência Psicológica;
- h) a institucionalização de uma profissão de “Psicólogo Ambiental”.

1. DISCUSSÃO SOBRE OBJETO E MÉTODOS

Graumann (1976) examina a problemática ambiental partindo do fator histórico. Na primeira metade do século XX, a preocupação centrava-se nas delimitações da Psicologia (Hellpach, 1902). O caminho percorrido foi o da procura cada vez maior do objeto e dos métodos específicos da CIÊNCIA psicológica, por meio de trabalhos experimentais de laboratório (p. ex. a

obra de Wundt. Atualmente, quase 100 anos transcorridos, a Psicologia encontra-se face ao surgimento de um ramo cuja linha de pesquisas sai do âmbito laboratorial para campo aberto: a Psicologia Ambiental.

Caracterizada por Proshansky, Ittelson & Rivlin (1970, 1975), como “a pesquisa do comportamento humano com relação ao ambiente organizado e definido”, apresenta-se tanto como pesquisa em “ambiente de grande escala” (Ittelson, 1970, 1974) como em “setor físico” (Proshansky Ittelson e Rivlin, 1970); Wohlwill, 1970).

Há mais de 50 anos, Hellpach (1924) escreveu uma colaboração ao “Manual de Métodos de Trabalho em Biologia”, sob o título “Psicologia do Ambiente” a qual apresenta aspectos (a) críticas e (b) construtivos.

(a) com respeito ao fator *físico*, enquanto há uma dependência ao ambiente;

(b) com relação ao fator *social*, como contexto interpessoal e cultural.

A concepção de Hellpach interessa porque 50 anos depois afirma-se que “não há nenhum ambiente físico sem correlação com um sistema social” (Ittelson, Proshansky e Rivlin, 1974, p. 14).

Ou ainda; “O mundo construído pelas pessoas, sejam Escolas, Hospitais, Habitações, Comunidades ou Estradas, é apenas uma parte do Sistema Social que em geral determina seus objetos e suas relações: (Proshansky et alii 1970, 1978).

Graumann (1974) finaliza: o “ambiente físico” como correlato da vivência é do comportamento humano, é sempre “ambiente humano”, isto é, sociocultural. Daí decorrem conseqüências não apenas para a estruturação da “Psicologia Ambiental”, mas também para uma nova orientação ecológica geral da Psicologia:

a) A Psicologia Ambiental (Umweltpsychologie) pode ser construída teórica, conceitual ou metodologicamente, apenas em conjunto com a Psicologia Geral (Allgemeine Psychologie). Esta não pode ser concebida sem o fator ambiental.

b) Quando o tema da Psicologia Ambiental é colocado, decorrem dele as relações com a Psicologia Aplicada (Angewandte Psychologie), que abarca problemas como o trabalho, a profissão, o tráfego, o fórum, a clínica, a escola, etc.

c) A pessoa, no seu ambiente, concreto (como a criança na praça de esportes, o escolar na sala de aula, o operário na máquina, a dona-de-casa, no Centro Comercial...) faz parte do “FATO SOCIAL”; portanto, coloca-se a relação Psicologia Ambiental - Psicologia Social.

d) Em resumo: o que se chama de Psicologia Ambiental não deveria ser

- por causa das perspectivas ecológicas que engloba confundido com uma disciplina isolada ou uma Psicologia Especial. Decorrência disto é a consideração da Psicologia Ambiental como a reflexão ecológica no centro da Psicologia Geral.

4. DISCUSSÃO SOBRE OBJETO E MÉTODOS.

Stapf (1976) discute sobre o objeto e os métodos da nova disciplina psicológica assim chamada “Psicologia Ambiental”. “O que significa então a expressão conjuntiva “Psicologia Ambiental?” A dificuldade em responder a esta questão reside na obscuridade da palavra “ambiente”. Estará o ambiente na primeira linha do ambiente “físico” dividido em “natural” e “artificial” (este construído pelo Homem) ou se refere antes ao ambiente “social”, em especial a família e o meio social?” Onde inicia para o indivíduo o ambiente, seja a “epiderme” ou o “espaço em volta do corpo”, os arredores da moradia, da família ou do grupo?”

Talvez sejam perguntas tradicionais ou diferenças conceituais dentro do novo ramo “Psicologia Ambiental” - não se trata de colocar uma diferenciação mas sim uma integração de todos os aspectos do ambiente como tarefa para nós.

Na discussão sobre o objeto da Psicologia Ambiental aparecem: Craik (1950, p. 5.): “A adoção da designação” “Psicologia Ambiental” pretende aproveitar as ricas conotações que o termo “ambiente” tem adquirido através de muitos esforços recentes para analisar sistematicamente o caráter do ambiente físico contemporâneo total, incluindo suas manifestações naturais ou influenciadas pelo homem.

Proshansky, Ittelson & Rivlin (1970, p. 5), quanto às características da Psicologia Ambiental: “Elas se relacionam com o ambiente humano ordenado e definido; elas se alargam com os problemas de pressão social; elas são multidisciplinares “in natura”; e elas incluem o estudo do homem como parte integral de cada problema;”

Pawlik (1975) coloca sob o termo “Psicologia Ecológica” (ökopsychologie) a pesquisa da dependência da vida e do comportamento humano às suas condições de ambiente e sob o termo “Psicologia Ambiental” (Umweltpsychologie) a pesquisa, e a “praxis” psicológica num enfoque das atuais perguntas concretas sobre ambiente (Poluição, proteção do meio, etc)”

Acrescenta Stapf (1976): “Temos visto que a pergunta sobre o objeto,

do ponto de vista teórico-científico, não está suficientemente respondida. Então o que dizer sobre o objeto da Psicologia Ambiental? O objetivo de cada uma das ciências experimentais - isto é, também da Psicologia Ambiental, recorre a aspectos como a explicação, predição e controle do seu objeto específico - e isto se obtém por pesquisa (*). Por isso, é necessário examinar o problema dos métodos.

A polêmica sobre os experimentos nas ciências humanas já completou 100 anos. Wundt em sua "Psicologia Fisiológica" (apud Boring, 1950, p. 327), relata seus experimentos realizados em laboratório e, contudo, nunca apregou que o método experimental seria adequado ao conjunto das Psicologia.

Karl Bühler (1927) em sua monografia "A Crise da Psicologia" afirma que muitos são os caminhos das ciências humanas e que a intuição é um dos primeiros caminhos que levam à observação.

No mesmo ano, Kurt Lewin (1927) apresenta em sua obra "Lei e Experimento na Psicologia", a pergunta pelo valor e sentido do experimento. Distingue entre "experimentos afastados da vida" (lebensnähe), que pouco têm a ver com a Realidade; e os "experimentos aproximados da vida" (lebensnah), que pretendem descrever a estrutura da realidade.

Em 1954, Thorndike, publicou nove diferentes escalas de valores, cuja análise fatorial demonstrou dois fatores bipolares: "quantitativo" versus "verbal"; "pesquisa de laboratório" (Laborforschung) versus "pesquisa de campo" (Feldforschung). A correlação das escalas de valores demonstrou haver para a "pesquisa experimental de laboratório" e a "pesquisa não-experimental de campo" 0,80 - 1,00 por aproximação. Isto significa o mesmo valor para as duas.

Outro exemplo é o de Cronbach (1957) que demonstrou o critério da "relevância" para ambos os métodos da ciência psicológica.

Brunswick (1956) procurou resolver o problema da "representatividade" com um "design" representativo para resolver a questão das variáveis dependentes.

Sobre a "validade externa", Campbell (1957) e Campbell & Stanley (1963) contribuíram com o critério da complementariedade entre pesquisa de laboratório e de campo. Uma alta validade interna, na maioria devida a

* Sobre explicação e predição na Psicologia, ver Westmeyer, 1973; (Stapf e Hermann, 1974).

uma reduzida validade externa, nos experimentos de laboratório, acontece regularmente devido às mais complexas condições de pesquisa nos experimentos de campo. Estas relações referem-se à maior ou menor “naturalidade” ou “artificialidade” do meio experimentado. Estudos de Campo sob observação e registro do comportamento apresentam variações naturais de condições. As pesquisas de Campo têm também a vantagem da naturalidade do meio experimentado, podendo prescindir da pessoa como pesquisadora. Ao contrário, os estudos experimentais de laboratório podem servir de Modelo, mais precisamente, de simulação da realidade”.

Pela metade dos anos 60, inicia-se nos E.E.U.U. uma clara corrente eco-psicológica, partida em duas tendências: trabalhos não-experimentais (p. ex. Willens & Raush, 1969) que pretendem observar e analisar comportamentos “in vivo” ou “in situ” (ao vivo, no próprio lugar onde ocorre o fenômeno).

É possível apontar a Roger Barker (1968) como o pioneiro das aplicações psicológicas sobre os problemas ecológicos-humanos. Por cerca de 25 anos ele coordena um conjunto de pesquisas - em Oskaloosa, Kansas - concernentes as relações Homem-Ambiente. Compreendem a sistemática e detalhada observação do que Barker chama de “fluxo do Comportamento” (stream of behaviour) que é constituído por “regiões comportamentais” (behaviour settings). Recorrendo a padrões de atividades que se desenvolvem em local determinado, cuidadosos métodos amostrais são utilizados para estudar estas comunidades representativas. Por exemplo, concertos, supermercados, festas, praças (playgrounds) etc. Os resultados destas observações são um perfil detalhado da comunidade e do seu quotidiano. O modelo é essencialmente sócio-espacial. Um conceito importante é o de “sub e supra-opinião das regiões comportamentais”. Este foi utilizado num longo estudo comparativo entre pequenas escolas. Há também os estudos sobre as trocas entre as regiões comportamentais. Classifica-se esta teoria de behaviorismo aplicado.

Surgem questões metodológicas entre “Naturalistas” e “Experimentalistas”. “Contudo, a tendência a identificar ecologia, comportamental com método naturalístico conduz ao erro da implicação de argumentos sobre os relativos méritos e habilidades dos métodos naturalísticos e experimentais, assim como, dependendo da maneira daqueles argumentos serem procedentes a algum tempo particular, o bebê “ecologia comportamental” é jogado fora com a água do banho metodológico” (Willems 1973, p. 197).

A fase da polêmica metodológica parece colocar uma série de questões problema. Willems, um dos líderes da “ecologia comportamental”, está de

acordo com uma metódica integração e pluralidade:... “quando a perspectiva ecológica está formulada apropriadamente, a integração com a análise experimental não apresenta problema real. O argumento é que o progresso na ecologia comportamental depende do pluralismo dos procedimentos” (1973, p. 216).

Portanto, constata-se, uma grande polêmica interna dentro da Psicologia atual, com referência, a uma nova linha de pesquisas classificadas de “ecológicas” - quanto à sua caracterização, ao seu objeto e aos seus métodos. A tendência mais aceita, relativamente a esses problemas, é a de que a Psicologia Ambiental ou Ecológica seja a própria reflexão ecológica no centro da Psicologia Geral, isto é, as clássicas questões psicológicas são investigadas fora dos laboratórios e através de uma metodologia científica apropriada, porém bastante incipiente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BARKER, R.G. *Ecological Psychology*. Stanford, Stanford University Press, 1968.
2. BORING, E.G. *A history of experimental psychology*. New York, Appleton-Century-Corfts, 1950.
3. BRUNSWICK, E. *Perception and the representative design of psychological experiments*. Berkeley, University of California Press, 1956.
4. BÜHLER, K. *Die Krise der Psychologie*. Jena, Fischer Verlag, 1927.
5. CAMPBELL, D.T. Factors relevant to the validity of social experiments settings. *Psychological Bulletin*, 54: 297-312, 1957.
6. CAMPBELL, D. T. & STANLEY, J.C. Experimental and quasi-experimental designs for research on teaching. In: GAGE, N.L. ed. *Handbook of research on teaching*. Chicago, Rand McNally, 1963. p. 171-246.
7. CRAIK, K.H. Environmental Psychology. In: CRAIK, K.H. et alii. *New directions in Psychology*. New York, Holt, Reinhart & Winston, 1970. p. 1-121.
8. -.-.- Environmental Psychology. *Annual Review of Psychology*, 24: 403-22, 1973.
9. CRONBACH, L.J. The two disciplines of scientific psychology. *American Psychologist*, 12: 671-84, 1957.

10. GRAUMANN, C.F. Psychology and the world of things. *Journal of Phenomenological Psychology*, 4: 389-405, 1974.
11. --.-- *Umwelt Psychologie*. Stuttgart, Ernst Klett Verlag, 1976.
12. HEIMSTRA, N.W. & Mc FARLING, L.H. *Environmental Psychology*. Monterey, Brooks-Cole, 1974.
13. HELLPACH, W. *Die Grenzwissenschaften der Psychologie*. Leipzig, Dürer Verlag, 1902.
14. --.-- Psychologie der Umwelt. In: ABDERHALDEN, E., ed. *Handbuch der Biologischen Arbeitsmethoden*. Wien, Urban schwarzen, 1924.
15. ITTELSON, W.H. & PROSHANSKY, H.M. *An introduction to environmental Psychology*. New York, Holt, Winston, 1974.
16. KAMINSKI, G. & HEYDEN, T. *Psychologische Aspekte der Umweltsforschung*. Tübingen, Psychologische Institut, 1975.
17. KAMINSKI, G. et alii. *Umwelt Psychologie*. Stuttgart, Ernst Klett Verlag, 1976.
18. KRUSE, L. *Räumliche Umwelt*. Berlin, Gruvter Verlag, 1974.
19. LEWIN, K. Gesetz un Experiment in der Psychologie. *Philosophische Zeitschrift*, I: 375-421, 1927.
20. MOOS, R.H. & INSEL, P.M. *Issues in social ecology*. Palo Alto, National Press Broks, 1974.
21. PAWLIK, K. *Umwelt und EcoPsychologie*. Göttingen, Hogrefe, 1975.
22. PROSHANSKY, H.M. et alii. *Environmental Psychology*. New York, Holt & Winston, 1970.
23. STAFF, K.H. & HERRMANN, Th. *Erklärung und Vorhersage in der Psychologie*. Göttingen, Hogrefe, 1974.
24. THORNDIKE, E.L. The psychological value systems of psychologists. *American Psychologist*, 9: 87-790, 1954.
25. WILLEMS, E.P. *Behavioral ecology and experimental analysis*. New York, Academic Press, 1973.
26. WILLEMS, E.P. & RAUSH, H.L., ed. *Naturalistic viewpoints in psychological research*. New York, Holt, Reinehart & Winston, 1969.

ABSTRACT

This article resumes Kaminski's book: "Umwelt Psychologie — Perspektiven — Probleme — Praxis". It contains some actual considerations about "Environmental Psychology" in confront to "Ecological Psychology". Themes such as the object and the methods of these new parts of psychological science, are approached. It tries to present "Environmental Psychology as the ecological reflection in the middle of General Psychology". Therefore, classical questions in Psychology are investigated out of laboratories, through an adequated but recent methodology.

(Recebido para publicação em 12.04.1983).